



Centro Tamar

Boletim Informativo | 7ª Edição - Dezembro de 2025





Participantes do Workshop “Erosão Costeira, impactos às tartarugas marinhas e praias de desova” realizado na sede do Instituto Baleia Jubarte, na praia do Forte-BA.

Workshop debate impactos da erosão costeira nas tartarugas marinhas e propõe caminhos para proteger praias de desova

Trabalhos em grupos definiram estratégias e ações para combater a erosão costeira, impactos às tartarugas e praias de desova.

O Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Tartarugas Marinhas e da Biodiversidade Marinha do Leste (Centro Tamar/ICMBio) reuniu uma rede de instituições, nos dias 25 e 26 de novembro, no Workshop “Erosão Costeira e Impactos às Tartarugas Marinhas e suas Praias de Desova”. O evento reuniu especialistas, gestores públicos, pesquisadores, organizações ambientais e representantes da sociedade civil no auditório do Instituto Baleia Jubarte, na Praia do Forte (BA). O workshop foi promovido pelo Centro Tamar/ICMBio e pela Secretaria de Meio Ambiente da Bahia (SEMA), com apoio do Instituto do Meio Ambiente e Recursos Hídricos da Bahia (INEMA), Fundação Projeto Tamar, Instituto Baleia Jubarte (IBJ), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Instituto de Geociências da Universidade Federal da Bahia (UFBA), curso de Urbanismo da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e Conselho de Arquitetura e Urbanismo da Bahia (CAU-BA).

O objetivo central foi discutir como a intensificação da erosão costeira (fenômeno natural agravado por ações humanas e pelas mudanças climáticas) ameaça as praias de desova e compromete o ciclo reprodutivo das tartarugas marinhas, buscando soluções conjuntas entre União, Estado e municípios. A redução da faixa de areia, o avanço das marés, a compactação dos ninhos e a pressão da

ocupação costeira foram apontados como fatores críticos que afetam tanto a biodiversidade quanto o uso turístico das praias e o modo de vida de comunidades tradicionais. Para a gestora da Base Avançada do Centro TAMAR/ICMBio em Salvador-BA, Patrícia Dittmar, o workshop foi extremamente positivo em virtude de todo o processo de articulação das várias instituições participantes, o que proporcionou uma maior aproximação da Base de Salvador com a SEMA e INEMA.

“A mobilização dos municípios que visitamos convidando para o evento; a abertura de diálogo com todos eles, assim como com a Secretaria do Patrimônio da União (SPU) e Ministério Público da Bahia (MP-BA) foi algo muito gratificante. Expandir as informações sobre a erosão costeira, que de fato acaba não sendo tão conhecida, e toda a dinâmica da costa e seus processos erosivos. Democratizamos o conhecimento e sensibilizamos a todos para essa questão, e saíram do evento diversas propostas e diretrizes, como a criação de um GT-Grupo de Trabalho para combater aos impactos da erosão costeira”, celebra a gestora Patrícia Dittmar.

Para o diretor de Política e Planejamento Ambiental da Secretaria de Meio Ambiente do Estado da Bahia (SEMA), Tiago Jordão Porto Santos, o evento superou as expectativas. Tecnicamente gerou

muito aprendido de todos sobre a temática da erosão costeira, sobre os impactos desse processo nas tartarugas, nos ecossistemas e na biodiversidade como um todo”, reitera Tiago. Para ele houve um acúmulo de compreensão acerca do processo, e como resultado a formação de uma rede de instituições que estão mais atentas à problemática da erosão e seus impactos. “Vamos aprimorar as nossas atuações tanto na SEMA quanto INEMA para incorporar essa perspectiva de se evitar os impactos, seja na fiscalização ambiental, seja no licenciamento ambiental, no monitoramento, na gestão e no planejamento territorial”, afirmou Tiago. Segundo o diretor de Política e Planejamento Ambiental da Secretaria de Meio Ambiente do Estado da Bahia (SEMA), não se tem todas as dimensões dos resultados promovidos pelo workshop, e a temática deve reverberar, a partir da capacitação de mais de 10 a 12 servidores que já estiveram acompanhando presencialmente, além dos demais que acompanharam virtualmente pelo Canal Youtube do ICMBio”, frisou Tiago. “A rede interinstitucional formada deve promover outras oportunidades de qualificação sobre o assunto nos próximos meses. Agradecemos a parceria do ICMBio nessa construção que foi muito harmoniosa, nos sentimos bem nesses dois dias. Esperamos conseguir garantir ainda mais esse meio ambiente ecologicamente equilibrado, que é um direito constitucional a partir do que a gente aprendeu e trocou”, celebra Tiago.

Primeiro dia: Perspectivas Científicas e de Governança

A programação do dia 25 de novembro contou com uma série de palestras. Equipes do Centro Tamar/ICMBio e da Fundação Projeto Tamar apresentaram o panorama dos impactos diretos da erosão sobre os ninhos e fêmeas de tartarugas marinhas durante o processo de desova. Em seguida, o professor José Maria Landim (UFBA) abordou a dinâmica de sedimentos e o cenário da erosão no Brasil, enquanto o analista ambiental Regis Pinto de Lima (ICMBio) tratou das competências e desafios no âmbito do Gerenciamento Costeiro (GERCO) e

contextualizou a situação político-administrativa das praias brasileiras. Encerrando o ciclo de palestras, o pesquisador Guilherme Lessa (UFBA) discutiu a variabilidade do clima e o comportamento das ondas nas últimas décadas.

No período da tarde, duas mesas temáticas ampliaram o debate. A primeira reuniu pesquisadores de diferentes regiões do país para discutir caminhos nacionais de enfrentamento à erosão costeira. Segundo o professor Eduardo Bulhões, da Universidade Federal Fluminense (UFF), “quanto maiores as taxas de erosão e alterações de *habitats*, menores as chances de encontrarmos ninhos de tartaruga”. Ele apresentou números que revelam a gravidade do cenário: o Brasil já perdeu, em média, 24% de sua linha de costa, com recuos mais significativos no Norte (45%) e Nordeste (30%). Bulhões também destacou que soluções baseadas na natureza (quebra-mar com recife de ostras e revegetação de dunas, por exemplo) e modelos híbridos (que mesclam soluções estruturais e soluções baseadas na natureza) são os caminhos mais promissores para mitigar os impactos.

O professor Davis de Paula, da Universidade Estadual do Ceará (UECE), destacou a experiência do Ceará na elaboração de planos de ação para contingência e reforçou a dimensão sociocultural do problema. “A erosão não representa apenas perda de areia e território físico, mas também de saberes tradicionais e de identidade das comunidades costeiras”, afirmou, defendendo maior aproximação entre academia e gestão pública. Já o coordenador de Gerenciamento Costeiro do Ministério do Meio Ambiente, João Nicolodi, ressaltou que, para além das mudanças no nível do mar, a ocupação desordenada e a especulação imobiliária têm importante papel no agravamento da erosão.

A importância de uma melhor comunicação com a sociedade também foi ponto de destaque em sua fala: “As pessoas precisam saber que estamos perdendo nossas praias, para poder cobrar soluções”, avaliou o gestor.

Fechando o dia, a segunda mesa temática foi dividida em dois momentos: um que fechou o primeiro dia e reuniu representantes do Ministério Público Federal (MPF), da Superintendência do Patrimônio da União (SPU) e do município de Camaçari (BA); e outro que aconteceu no segundo dia e trouxe representantes da gestão de UCs e fiscalização do INEMA e do município de Mata de São João (BA). O objetivo foi debater sobre o que vem sendo feito para construir soluções diante do problema da erosão costeira no Litoral Norte do Estado da Bahia.



Patrícia Dittmar, gestora da Base do Centro TAMAR/ICMBio em Salvador-BA e Joca Thomé, coordenador do Centro TAMAR/ICMBio.

Segundo dia: Planejamento e Formulação de Estratégias

A abertura do dia 26 de novembro ficou a cargo da professora Lirandina Gomes (UNEB), que discutiu os desafios do planejamento territorial, ambiental e urbano no Litoral Norte da Bahia. Em seguida, os participantes se reuniram em uma oficina colaborativa para formular estratégias, recomendações e encaminhamentos voltados à proteção das praias de desova. As propostas envolveram desde ações emergenciais de monitoramento até planos de adaptação baseados em ciência, gestão territorial sustentável e participação comunitária.

Articulação Institucional e Próximos Passos

Para João Carlos Thomé, coordenador do Centro Tamar, o encontro marca um momento decisivo: “O workshop apresentou uma multiplicidade de informações, dados científicos, experiências concretas e caminhos possíveis. Conseguimos reunir representantes dos municípios, dos estados, da academia e da sociedade civil, e isso é muito significativo. Esse evento foi um primeiro passo para que possamos definir diretrizes a seguir daqui para frente”, concluiu o coordenador.

Os debates evidenciaram a urgência de ações integradas para conter o avanço da erosão, preservar *habitats* essenciais às tartarugas marinhas e garantir que comunidades costeiras mantenham seus modos de vida tradicionais. Ao final, destacou-se a importância de ampliar a comunicação social, fortalecer a gestão costeira e implementar soluções que assegurem a resiliência das praias brasileiras nas próximas décadas.

O evento foi gravado e se encontra disponível no Canal do Youtube do ICMBio:

<https://www.youtube.com/watch?v=zgbMBhRAsdY>

A analista ambiental do Centro TAMAR/ICMBio, Gabriella Tiradentes Pizetta, falou sobre os empreendimentos que chegam para análise no âmbito do licenciamento ambiental e quais as preocupações do Centro para conservar as áreas importantes para as tartarugas frente ao cenário da erosão costeira.





Participantes do II Encontro de Tartarugueiros do Extremo sul da BA em frente à Base Avançada do Centro TAMAR/ICMBio em Caravelas-BA.

II Encontro de Tartarugueiros do extremo Sul da Bahia

A Base Avançada do Centro TAMAR em Caravelas/BA realizou de 4 a 6 de setembro o II Encontro de Tartarugueiros do Extremo Sul da Bahia. O evento reuniu instituições e pessoas que trabalham pela conservação das tartarugas marinhas na região, aprimorando as capacitações realizadas anteriormente e unindo os tartarugueiros dos municípios numa rede de aprendizado e aperfeiçoamento continuados.

O evento surge de um trabalho de monitoramento exploratório realizado nos municípios do extremo sul da Bahia desde 2021, pela Base Avançada do Centro TAMAR em Caravelas/BA. A partir de 2023 realizou-se cursos de capacitação teórica e prática para a implantação do monitoramento de tartarugas marinhas em seis municípios do extremo sul da Bahia: Mucuri, Nova Viçosa, Alcobaça, Prado, Porto Seguro e Santa Cruz Cabrália. A partir das ações realizadas nesses municípios, formou-se uma rede colaborativa de voluntários dedicada à proteção e ao monitoramento de tartarugas marinhas.

Em 2025 a realização do II Encontro de Tartarugueiros contou com apoio da Coordenação de Pesquisa e Gestão da Informação sobre Biodiversidade do ICMBio, a partir de projeto desenvolvido pela Base. O evento foi uma grande oportunidade de ouvir sobre a realidade vivida em cada município no monitoramento de suas praias na temporada reprodutiva das tartarugas marinhas e, a partir das lições aprendidas, planejar uma atuação mais assertiva para a próxima temporada (2025/26).

O II Encontro contou com a participação de oito municípios do extremo sul da Bahia. De Belmonte participaram Augusto Braga e Juliede Neves, que apresentaram o monitoramento realizado pela empresa Veracel. Santa Cruz Cabrália foi representada

por seu Vevé Freitas, do Projeto Maré, que realiza o monitoramento de tartarugas marinhas na praia de Santo André, além de Ivy Magalhães e Thaissa Gonçalves, da Secretaria Municipal de Meio Ambiente. De Porto Seguro estiveram presentes as voluntárias Betina Cruz e Erica Gellers; Flávia Guebert, do Instituto Coral Vivo, além de Aluane Ferreira, Martina Rossato e Laís Freitas, da Secretaria de Meio Ambiente do município.



Atividades de capacitação prática com os participantes no ponto de apoio na praia do Grauçá/BA.

Prado foi representado por Reginaldo Gonçalves, Márcia Pereira e Breno Teixeira, do Projeto Verde Mar, da Associação de Proteção Ambiental e Bem-estar Animal do Prado – APAP. De Alcobaça estiveram presentes o Secretário de Meio Ambiente Sérgio Figueiredo e os servidores da Secretaria Municipal de Meio Ambiente, Thiago Vieira e Railda Neves, além de voluntários do Projeto Rastros na Areia.

Nova Viçosa foi representada pelos técnicos da Secretaria Municipal de Meio Ambiente, Franco Moreira, Ana Oliveira e Anderson Silva. O município de Mucuri foi representado por Sandro Akhenaton, Carla Barbosa, Helena Souto, Yuri Santos, Laryssa Rodrigues e Dejalilson Loures, da Associação Ambientalista Carebas de Mucuri – ASACAM. Estiveram presentes ainda o Prefeito de Caravelas, Aduino Costa, e o Secretário de Meio Ambiente do Município, Beline Passos.

Além das apresentações dos trabalhos dos municípios houve palestras de Joca Thomé, coordenador do Centro TAMAR/ICMBio, que deu um panorama geral da conservação das tartarugas marinhas no Brasil e a analista ambiental da Base Avançada do Centro TAMAR/ICMBio em Guriri, São Mateus-ES, Kelly Bonach, que falou sobre o SisBio. Adriana Jardim e Berna Barbosa apresentaram o monitoramento de tartarugas marinhas no Parque Nacional Marinho dos Abrolhos e Camila Miguel apresentou os trabalhos realizados pelo Projeto *Chelonia mydas* na ilha de Coroa Vermelha – Nova Viçosa.

No último dia deste Encontro foi realizada uma saída embarcada ao Parque Nacional Marinho dos Abrolhos, onde foram realizadas atividades práticas de captura e marcação de tartarugas marinhas. Para Marcello Lourenço, chefe da Base do Centro TAMAR em Caravelas, a segunda edição do Encontro de Tartarugueiros superou as expectativas, com novos municípios dispostos a monitorar e proteger as tartarugas, e novos parceiros, instituições e pessoas, se juntando à causa e tornando a rede cada vez mais forte: “Muito bom o clima do Encontro e especialmente a energia de Abrolhos no último dia, podendo ver as tartarugas de perto, todos saíram muito motivados com a temporada reprodutiva que se inicia”, frisa o gestor da Base Avançada do Centro TAMAR/ICMBio em Caravelas-BA.

Para Marcello “o encontro funciona como um catalisador e a partir dele observou-se uma série de ações nos municípios, como oficinas às barracas de praia reforçando as regras, grupos se organizando para fazer o monitoramento, produção de placas sobre a proibição do trânsito de veículos nas praias da região, entre outras ações”.

Atividades práticas de captura e marcação de tartarugas marinhas no Parna Marinho dos Abrolhos/BA.





Juvenil de *Chelonia mydas* (tartaruga-verde) no Parna Marinho de Abrolhos/BA (Foto: Marcello Lourenço)

Monitoramento na APA Ponta da Baleia - Abrolhos

Desde sua criação, em julho de 2020 a Base Avançada do Centro TAMAR/ICMBio em Caravelas/BA realiza o monitoramento de tartarugas marinhas na Área de Proteção Ambiental (APA) Ponta da Baleia-Abrolhos, num trecho de 20 km entre Caravelas e Alcobaça. Desde então já foram registrados 348 ninhos. A Tartaruga cabeçuda – *Caretta caretta*, é a espécie predominante, com 252 ninhos. Em seguida vem a tartaruga oliva – *Lepidochelys olivacea* com 21 ninhos e a tartaruga de pente – *Eretmochelys imbricata* com 18 ninhos e uma rara desova de uma tartaruga de couro – *Dermochelys coriacea*, em janeiro de 2021.

Como resultado 21.933 filhotes já foram protegidos. Desde 2023 é realizado o monitoramento noturno para flagrante e marcação das fêmeas sendo,

até aqui, 37 já marcadas. Na atual temporada a equipe está também coletando material biológico para uma caracterização genética dessa população, em parceria com o Laboratório de Genética e Evolução Molecular da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).



Filhotes de tartaruga cabeçuda indo para o mar na APA Ponta da Baleia-Abrolhos/ BA

Participantes após atividades práticas no Parna de Abrolhos/BA.





Analista ambiental Marcello Lourenço.



Agente Temporário Ambiental em campo.

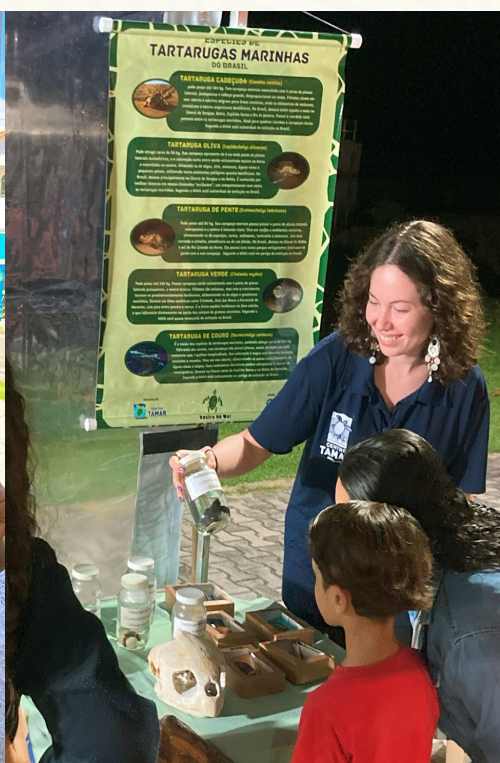
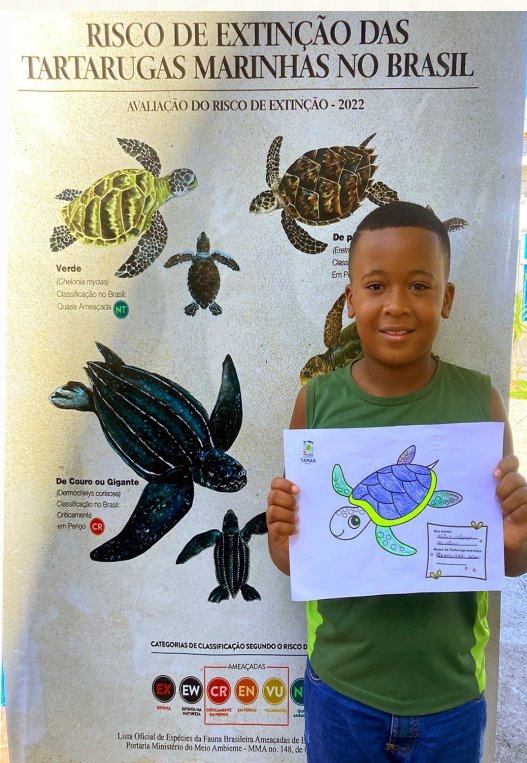
Monitoramento noturno para marcação de fêmeas e coleta de material biológico e atividades de monitoramento na APA Ponta da Baleia-Abrolhos/BA.

Cinco anos da Base Avançada de Caravelas/BA

Para celebrar os cinco anos da Base do Centro TAMAR em Caravelas, completados em julho de 2025, a equipe promoveu atividades de educação ambiental junto à comunidade. Foram realizadas exposições itinerantes, a partir da instalação de uma tenda, espaço com materiais visuais e interativos. Foram também promovidas dinâmicas com uma réplica de tartaruga marinha em tamanho natural. As atividades foram realizadas no distrito de Ponta de Areia, na praia do Grauçá, e no centro de Caravelas, oportunizando espaço para conver-

sas sobre a presença das tartarugas marinhas na região, sua biologia e o trabalho realizado pelo Centro TAMAR. "Celebrar ao lado da comunidade reforça laços para a conservação. Especialmente as crianças, que se encantaram e expressaram sua arte desenhando e pintando as espécies de tartarugas marinhas. Foi uma grande oportunidade de mostrar um pouco dos trabalhos realizados pela Base nesses cinco anos", reforça o gestor da Base, Marcello Lourenço.

Atividades de sensibilização e educação ambiental com crianças na praia do Grauçá e no centro de Caravelas/BA.





Analista ambiental e pesquisador do Centro TAMAR/ICMBio em atividade de campo do doutorado.

Não é conversa de pescador

Em seu doutorado, pesquisador do Centro TAMAR/ICMBio revela que gestão pesqueira, quando feita de forma participativa, é outra história!

Diz o ditado que pescador aumenta, mas não inventa. Historicamente pouco ouvidos por diferentes instâncias políticas e econômicas, no ES a comunidade de pescadores de recursos como camarão e lagosta tem tentado escrever uma história um pouco diferente.

O Centro TAMAR/ICMBio apresenta alguns dos resultados levantados pelo analista ambiental e oceanógrafo da equipe, Nilamon de Oliveira Leite Jr., que conclui sua tese de doutorado sob orientação do professor Agnaldo Silva Martins – doutor em Oceanografia da Universidade Federal do Espírito Santo.

Os primeiros produtos deste estudo foram publicados recentemente em dois artigos na revista científica *Marine Policy*, da editora Elsevier. Os artigos abordam a gestão pesqueira utilizando, como ponto de partida, informações históricas contidas em documentos do Comitê Estadual de Gestão Compartilhada para o Desenvolvimento Sustentável da Pesca no ES – o COMPECSA.

O recorte temporal levou em consideração toda a documentação acumulada ao longo de 20 anos, nas 118 reuniões realizadas pelo comitê, entre 2003 e 2023, além de publicações científicas, instrumentos legais como portarias, instruções normativas, leis e decretos, além de outros fóruns de

gestão pesqueira, sites de instituições e artigos de imprensa.

Sobre o COMPECSA

No artigo intitulado “Regionalizando: a experiência de 20 anos do COMPECSA como modelo para a cogestão de pequena escala no Brasil Central” o pesquisador investigou a estrutura, o funcionamento e os resultados do COMPECSA ao longo de duas décadas.

Composto por uma assembleia geral, uma presidência, um secretariado executivo e grupos de trabalho, o COMPECSA possui uma estrutura de representação paritária, com 28 membros do governo e 28 da sociedade civil, incluindo 21 representantes do setor pesqueiro - composição que garante uma ampla representatividade e permite a participação de diversos atores envolvidos na gestão das pescas.

As decisões são geralmente tomadas por consenso para garantir maior representatividade e força política. O comitê é um fórum consultivo e propositivo que assessoria o Ministério da Pesca e Aquicultura - MPA (que já foi Secretaria) e MMA/IBAMA. A assembleia geral serve como o principal fórum para discussões e decisões, enquanto os demais fornecem suporte logístico e administrativo.

“O COMPESCA é uma iniciativa de cogestão resiliente e eficaz, atuando como um órgão regional intermediário que preenche a lacuna entre os níveis local e nacional de gestão de pescas. Ao longo de sua existência, o comitê promoveu com sucesso o diálogo entre pescadores, governo e outros interessados”, frisa Nilamon.

Apesar de diversas conquistas, o pesquisador detalha que o COMPESCA enfrentou desafios como recursos limitados e instabilidade institucional do governo federal. “A falta de financiamento independente foi identificada como uma das maiores barreiras, afetando a regularidade das reuniões e a capacidade de realizar estudos de campo”, complementa Nilamon.

Sua resiliência e longevidade são atribuídas a uma liderança estável, um design participativo e

a sua capacidade de mediar conflitos entre diferentes partes. Essa estrutura colaborativa foi fundamental para influenciar regulamentações nacionais e alcançar progressos notáveis na gestão de pescarias regionais. “O maior sucesso do comitê na gestão de recursos com baixa mobilidade, como o camarão, sugere que arranjos de cogestão locais são mais eficazes para essas espécies”, enfatiza o analista ambiental.

O COMPESCA representa um modelo para a criação de outros fóruns regionais de cogestão no Brasil e em outros países. “A coordenação de tais comitês através de estruturas de gestão locais existentes, como o IBAMA e o MPA, poderia facilitar a sua implementação, mas requer um financiamento adequado e equipes de coordenação permanentes e bem treinadas”, informa o pesquisador.

Reunião do COMPESCA para discussão do ordenamento da pesca do camarão.



Os caminhos e descaminhos da pesca do camarão e da pesca da lagosta no Espírito Santo

No artigo intitulado “Caminhos desiguais na gestão compartilhada: Uma análise comparativa entre uma pescaria de camarão e uma de lagosta através dos princípios de design de Ostrom, ” o pesquisador analisou a gestão de duas pescarias muito importantes no Espírito Santo: a do camarão e a da lagosta. “Essas duas pescarias foram os temas mais debatidos no COMPESCA em toda a sua existência. E os resultados foram bem diferentes para cada uma delas, em relação à gestão desses recursos pesqueiros”, frisa Nilamon.

Nilamon comparou as duas pescarias através dos critérios criados pela cientista política e primeira mulher a ganhar o Prêmio Nobel de Ciências Econômicas (2009), Elinor Ostrom. A conclusão foi de que a pesca do camarão teve uma gestão mais bem sucedida, quando comparada com a gestão da pesca da lagosta. E isso se deveu, entre outros fatores, à maior participação dos pescadores na tomada de decisões, com adaptações feitas às regras de pesca localmente adotadas.

Segundo o pesquisador: “O governo reconheceu os direitos dos pescadores de formularem suas próprias regras, com a definição de limites claros sobre quem pode pescar e onde”. E ao longo desse

tempo, a gestão da pesca de camarão tem seguido por um caminho mais positivo, “embora ainda precise melhorar em fiscalização e monitoramento”.

Já a pesca da lagosta passou por muitos problemas, pois as regras vieram de cima para baixo, sem considerar a realidade local, principalmente com a proibição do uso das redes para a captura de lagosta por parte do governo federal, método este tradicionalmente utilizado pela frota local, sem oferecer alternativas viáveis a esta modalidade de pesca no ES.

“A pesquisa mostrou que não houve limites claros do território de pesca, e os pescadores não tiveram seus direitos respeitados. Conclusão: a pesca de lagosta continua sendo praticada de forma ilegal, sem controle da produção e com grandes riscos para o estoque do recurso e para os próprios pescadores”, explica o pesquisador.

Ou seja, quando a participação real dos pescadores e o respeito às práticas tradicionais e locais se deram, elas foram fundamentais para o sucesso da gestão pesqueira, como se deu em relação à pesca de camarão. “Já o caso da gestão pesqueira da la-

Reunião do COMPESCA para discussão da pesca na Baía de Vitória.



gosta mostrou que ignorar o conhecimento local e impor regras sem diálogo, leva ao fracasso”, reitera o analista ambiental.

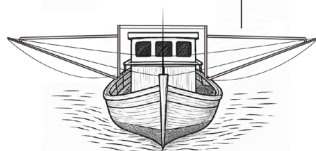
Para uma melhor gestão na pesca do camarão, o estudo recomenda a continuidade do fortalecimento da gestão compartilhada, assim como avanços na fiscalização e no monitoramento, além do melhor alinhamento das regras de pesca com a realidade das comunidades tradicionais.

“Quanto à gestão da lagosta, é urgente recomençar o processo de gestão compartilhada, iniciando pelo reconhecimento do direito dos pescadores, regionalizando as regras de pesca e criando normas mais adaptadas às condições locais. Quando esses fatores são ignorados, os

problemas se agravam”, complementa Nilamon. O estudo envolveu a participação e colaboração de uma série de instituições que integram o COMPES-CA, às quais Nilamon expressa sua gratidão. Entre elas estão: a Superintendência Estadual de Pesca e Aquicultura (SFPA-MPA) e a Superintendência do IBAMA no ES. “Agradecemos também ao Programa de Pós-Graduação em Oceanografia Ambiental da UFES e ao ICMBio, por terem possibilitado que eu pudesse me dedicar de forma exclusiva a essa pesquisa. E claro, a todos os pescadores que apoiaram o Comitê ao longo de sua trajetória, e sem os quais não seria possível contar essa história!” celebra.

A Quem?

Embarcação de arrasto de camarão



1500 pescadores
430 embarcações
8 m comprimento médio
(4,5 a 15 m)

Como?



O que?

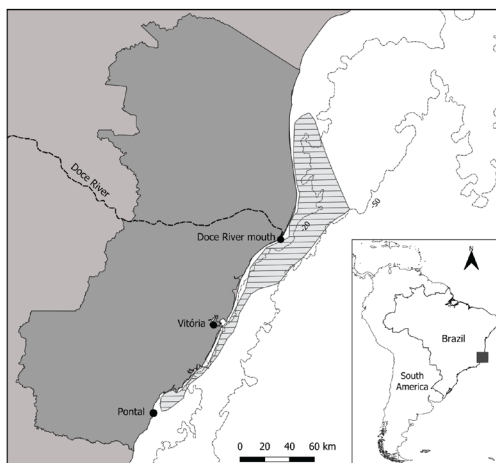


Camarão sete-barbas
(*Xiphopenaeus kroyeri*)



Camarão rosa
(*Penaeus brasiliensis*,
Penaeus paulensis)

Onde? Desembocaduras de rios entre 5 e 50 m.



Área de pesca de camarão

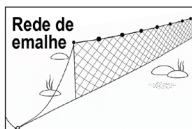
B Quem?

Embarcação de pesca de lagosta



450 pescadores
100 embarcações
8,5 m comprimento médio
(5 a 12 m)

Como?



O que?



Lagosta verde
(*Panulirus laeviscauda*)



Lagosta vermelha
(*Panulirus meripurpuratus*)

Onde? Fundos rochosos e coralíneos entre 10 e 50 m.



Área de pesca de lagosta



Cecília Baptistotte na Ilha de Trindade/ES, com tartaruga verde (*Chelonia mydas*).

Legado de Cecília no Tamar

O Centro TAMAR/ICMBio se despede de uma profissional que marcou, durante o tempo em que esteve no Centro. Cecília Baptistotte, médica veterinária e analista ambiental, se aposenta, mas seu legado do trabalho construído ao longo de 44 anos, fica. E as próximas gerações já estão continuando todo esse trabalho. Em um bate papo, pudemos descobrir mais sobre sua trajetória profissional e o saldo do que fica guardado no coração e na memória. Confira!

Conte-nos um pouco sobre como foi a escolha de sua carreira e formação...por quê a busca por atuar com os animais?

Quando eu tinha 17 anos, pensei em fazer oceanografia porque eu queria morar perto do mar. Eu não tinha a menor noção de como era a Oceanografia. Meu pai não me deixou ir, pois só existia Oceanografia na FURG e eu morava em Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Na época meu pai disse: "você adora os animais, faça veterinária"...e fui fazer veterinária.

No início foi um pouco difícil, pois em pleno Centro-oeste, o foco estava na produção de bovinos, suínos, aves, equideocultura, que são atividades importantes exercidas pelo médico veterinário, mais enfim...não era bem o que eu queria porque eu gostava dos bichos, mas não para cuidar deles e depois vê-los servirem de alimento para os humanos. Eu sabia muito o que eu não gostava quando me formei. Não queria trabalhar com bovinos de corte, nem pets, e gostava mesmo dessa área da conservação silvestre, mas na época não tinha nenhuma formação.



Cecília em atividade de captura intencional para biometria e marcação de tartaruga marinha no Parna Marinho de Abrolhos-BA.

Morava próxima de uma rica biodiversidade que é o Pantanal e o Cerrado, mas não tive nenhuma formação, nem professores que pudessem me ensinar assim como nenhuma disciplina sobre essa área de animais silvestres. E fui trabalhar com pequenos produtores rurais, com o foco na bovino-cultura de leite. E esse tempo foi muito bom, pois trabalhei no interior do Mato Grosso do Sul, numa área que tinha sofrido uma reforma agrária, com pequenas propriedades rurais. Gostei muito desse trabalho durante os 5 anos que fiquei lá.

Descreva um pouco do início de sua carreira...as primeiras portas que foram se abrindo a partir da sua formação.

Eu não tinha interesse em ser autônoma, nem ter uma empresa que prestasse serviços. Sempre me envolvi com as questões sociais. E desde que me formei já me tornei servidora pública.

Eu tinha uma amiga que se formou oceanógrafa, e acabei me tornando amiga também da turma da Oceanografia e de férias vim parar, em fevereiro de 1986, na REBIO de Comboios quando o Joca (João Carlos) tinha acabado de assumir esse trabalho como Coordenador Regional. E foi assim que eu conheci as tartarugas marinhas. Encantei-me quando vi o primeiro nascimento de filhotes em um ninho. Nunca me esqueço daquele monte de filhotinhos brotando da areia. Uma imagem muito diferente para mim. Depois, em julho de 1987, me mudei para Regência Augusta, em Linhares-ES.

Quando o Guy Marcovaldi, coordenador nacional do TAMAR, veio nos visitar lá na REBIO Comboios, ainda não tinha ninguém para executar a temporada reprodutiva e perguntou se eu não gostaria, e eu não pensei duas vezes, estava super envolvida e apaixonada pelas tartarugas marinhas.

Como você ingressou na carreira pública, como servidora?

Ingressei no Ibama em fevereiro de 1990 e depois o órgão foi dividido e em 2007 passei ao ICMBio. Quando eu comecei a trabalhar fui executora da Base do Projeto TAMAR em Comboios/ES e também fui chefe da Reserva Biológica de Comboios por 10 anos, e depois assumi a Coordenação Técnica do Espírito Santo e Coordenadora Nacional da Área de Veterinária. Mais recentemente Coordenadora Regional, sempre no Espírito Santo e com diferentes funções ao longo desses anos. Minha última lotação foi a Base Avançada do Centro TAMAR/ICMBio em Regência Augusta, Linhares-ES, onde permaneci até me aposentar recentemente.



Cecília em reunião da RETAMANE-Rede de Conservação de Tartarugas Marinhas do Nordeste (2024).

Dentro já da estrutura pública de governo federal, fale um pouco mais sobre seus trabalhos?

Sempre trabalhei, desde 1987. E sempre no Espírito Santo e mais fortemente em Regência Augusta, com as tartarugas gigantes (*Dermochelys coriacea*) e as tartarugas-cabeçudas (*Caretta caretta*), e com o monitoramento e a conservação dessas duas espécies, sempre envolvendo a comunidade por meio de ações de educação e sensibilização ambiental, bem como promovendo alternativas de desenvolvimento para essas comunidades onde a gente atuava.

Sabemos de sua contribuição para a implantação da REBIO Comboios, unidade de conservação criada para proteger o maior sítio reprodutivo das tartarugas de couro. Como foi esse processo para que a UC saísse, e fosse efetivamente criada?

Quando cheguei no ES, a REBIO de Comboios já estava criada (1984), mas tínhamos muitos problemas para as pessoas entenderem que se tratava de uma área protegida e de que algumas atividades não poderiam ser desenvolvidas. Tínhamos muito conflito em 7Km que ligam a sede da Reserva Biológica de Comboios à Vila de Regência, por onde a estrada de chão passa paralela à praia. As pessoas entravam de carro, acampavam, faziam fogueira. Nesse início, até

realmente a gente conseguir educar e sensibilizar as pessoas de que determinadas atividades não podiam ser executadas, foi um tempo. Mas a unidade é relativamente pequena - pouco mais de 800 hectares - e em termos de gestão isso não foi tão complexo. Esses foram alguns desafios que vivi à frente, como chefe da REBIO Comboios.

Fale-nos um pouco sobre o processo de análise das solicitações de pesquisadores para atuarem com suas pesquisas com as tartarugas, ao longo da costa brasileira.

Em relação ao trabalho de análise de todas as solicitações de pesquisas envolvendo tartarugas marinhas, por meio do SISBIO, criado em 2007, a experiência foi muito rica. Antes de 2007 a única instituição que trabalhava com tartaruga marinha era a Fundação Projeto Tamar em parceria com o Centro TAMAR/ICMBio e a execução era conjunta. O SISBIO possibilitou e facilitou aos pesquisadores se regularizarem e poderem trabalhar com tartarugas marinhas e executar diferentes projetos de pesquisa ao longo de toda a costa brasileira. Um

sistema muito importante e que facilitou muito a comunicação e a execução desses programas de conservação em outras áreas onde o Centro TAMAR/ICMBio não atuava. Hoje mais de 30 instituições seguem essas diretrizes e trabalham pela conservação das tartarugas marinhas no Brasil.

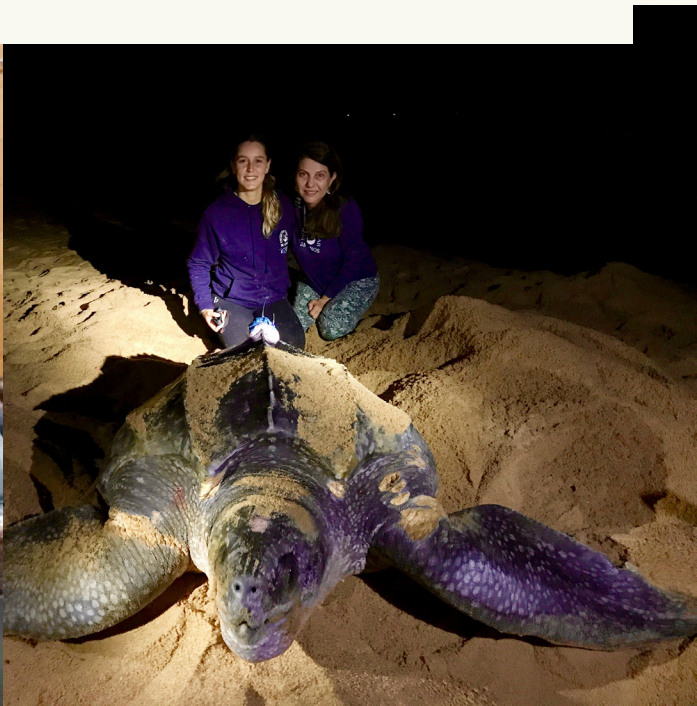
E o seu trabalho no universo acadêmico, sua referência dentro da pesquisa com tartarugas marinhas, e em especial na temática fibropapilomatose. Fale-nos um pouco sobre sua jornada pesquisadora.

Todos os trabalhos acadêmicos publicados sempre foram feitos em parceria, nunca foi um trabalho individual e sempre em equipe. Realmente a gente não faz nada sozinho, porque tem outras pessoas executando e cooperando. Todas as publicações foram feitas por pesquisadores do TAMAR e até externos, como é o caso do pesquisador Paulo Barata que é um estatístico e conservacionista que nos ajudou muito a analisar os dados.

E ele foi muito importante nas publicações e

Joca Thomé e Cecília Basptistotte receberam em sessão solene na Assembléia Legislativa do ES a Medalha Caboclo Bernardo pelo trabalho realizado em prol da conservação das tartarugas marinhas.

Cecília Baptistotte acompanhando instalação de transmissores em *Dermochelys coriacea* (tartaruga-de-couro) como projeto de doutorado da pesquisadora Liliana Colman em Regência, Linhares-ES.



sempre contamos com a colaboração de várias pessoas. Em relação à fibropapilomatose, sempre tive interesse de trabalhar esse tema, que é um vírus que acomete as tartarugas no mundo todo. Em 1987/88 foi o primeiro registro da doença no Brasil, e foi um trabalho muito interessante de análise dos dados de SC ao Ceará, analisando a prevalência da doença sobre a tartaruga-verde (*Chelonia mydas*).

Sua participação nos fóruns internacionais que o Brasil tem assento. Vc foi membro da CIT, representando o Comitê Científico, certo? Como foi essa experiência de representar o Brasil, dentro de um dos fóruns mais importantes de conservação das tartarugas marinhas no mundo?

Representei o Brasil como Delegada no Comitê Científico por 3 anos e foi uma experiência muito rica - conhecer pesquisadores de 16 países diferentes que integram a CIT. Infelizmente quando assumi como Delegada, ocorreu a pandemia e as reuniões foram todas online e somente em agosto de 2024 foi presencial, na Guatemala - o que foi completamente diferente e enriquecedor, por ser presencial e as pessoas poderem trocar pessoalmente

Cecília realizando a marcação em uma juvenil de tartaruga marinha.

suas experiências. Fizemos uma visita aos tortugários para conhecer todo o trabalho que é feito lá.

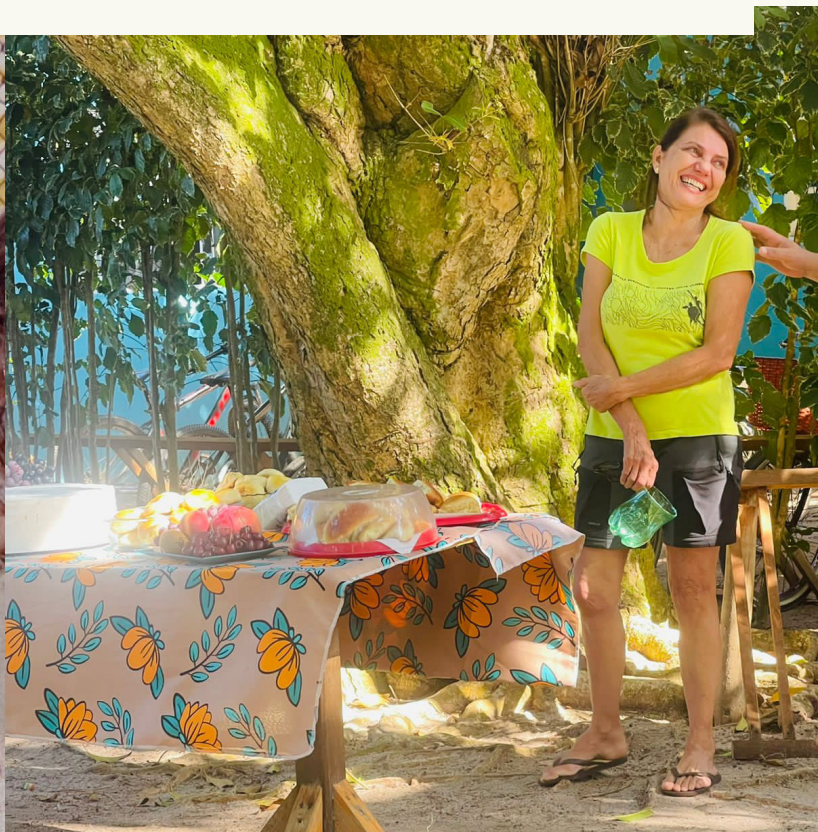
Também sou membro do Grupo de Especialistas em Tartarugas Marinhas da IUCN - União Internacional para Conservação da Natureza, com intercâmbios em simpósios internacionais, entre outros.

Para você, Cecília, aposentar significa parar? Continuar? Quais os planos?

Eu trabalhei ininterruptamente ao longo de 44 anos da minha vida profissional. E tem muitas coisas a serem feitas sempre. Inclusive pude estar na Ilha de Trindade recentemente, como colaboradora eventual, e foi uma experiência super importante por ser a maior área de reprodução das tartarugas verdes do Brasil e a 2ª maior do Atlântico Sul com uma densidade de desovas muito grande, numa ilha vulcânica maravilhosa.

Assim como recentemente estive em Alcatrazes para acompanhar o monitoramento de aves marinhas - atobás e fragatas - e estive em campo com os especialistas e mesmo não sendo especialista em aves marinhas foi lindo ter tido essa oportunidade. Ou seja, pelo visto, quando se faz o que se ama, a gente de alguma forma, nunca para.

Despedida na Base do Centro Tamar/ICMBio em Regência, Linhares ES.





Jornalista científica Érica, e pesquisadoras Lorena, Júlia e Priscila. (esq. para dir.)

O Yin em alto mar: a expedição sob o olhar das pesquisadoras

Elas mostraram a força do feminino em Expedição aos Arquipélago de Martin Vaz e Monte Colúmbia.

Não existe, segundo a filosofia chinesa, Yang sem Yin. Conhecidas como energias complementares, podem ser traduzidas como masculina e feminina, dia e noite, entre outros. Na expedição às grandes unidades de conservação oceânicas do ICMBio (APA do Arquipélago de Trindade e Martin Vaz e MONA das Ilhas de Trindade e Martin Vaz e do Monte Columbia) - promovida em julho pelo ICMBio em parceria com diversas instituições, a presença do feminino fez toda a diferença, não apenas pelos resultados alcançados, mas pelo fluxo dos acontecimentos.

Depois de uma expressiva repercussão na mídia, com reportagens falando sobre a rica biodiversidade do lugar, tecnologias utilizadas e até a descoberta de uma espécie de peixe nessa expedição, nada melhor do que ouvir aquelas que deram todo o colorido para o período de 17 dias em alto mar, lidando com diversas intempéries. O Yin deu o seu tom e coloriu, assim como os cardumes nas profundezas desse berçário de biodiversidade, todo o período de isolamento a 1200 Km da costa capixaba.

Para a bióloga (Ufes), mestre e pesquisadora (Cebimar/USP) Julia Marx de Souza, estar na expedição foi "completamente além do que imaginava". Desde a submissão do projeto, ela esteve envolvida, apoiando na logística, organização e burocracia prévia à expedição.

Em alto mar, Julia conduziu coletas com BRUV (câmeras subaquáticas com iscas para atrair peixes) e Censos Visuais Subaquáticos (CVS). Além de colaborar na triagem e organização de espécimes de peixes e corais para o banco genético e coleção científica da (USP).

O maior desafio, segundo a pesquisadora, foi o próprio lugar em si: "Enfrentamos grandes ondulações e, mesmo atracados, o mar variava muito ao longo do dia, com ondulações e correntezas".

O momento mais marcante segundo ela foi avistar a imponente Ilha de Trindade, durante o trajeto. "Foi espetacular, ainda mais junto às imagens do ROV (robô de filmagem subaquático), mostrando a biodiversidade saudável logo abaixo de nós. Somado a Trindade, aquilo me fez perceber o quão somos pequenos", relembra. Além disso, o que ficou marcado, relembra Julia, foi ver um ambiente quase intocado, cercada por grandes e diversos cardumes enquanto trabalhava.

O momento em que o ROV - a 116m de profundidade - capturou imagens de uma espécie nova de um peixe, foi um momento de muita alegria e satisfação para toda a equipe. "Mesmo sendo esperado que encontrássemos algo novo, ainda é impactante quando isso acontece", celebra a pesquisadora.



Pesquisadoras fazendo os ajustes finais para o lançamento de BRUV.

Segundo Julia, o *dive master* Dilson Cajueiro (Zá) de Caravelas/BA, coletou corais no Monte Davis, entre eles uma possível primeira ocorrência no Brasil, antes registrada somente no Caribe. “A confirmação virá das informações genéticas conduzidas pelo Laboratório de Evo-

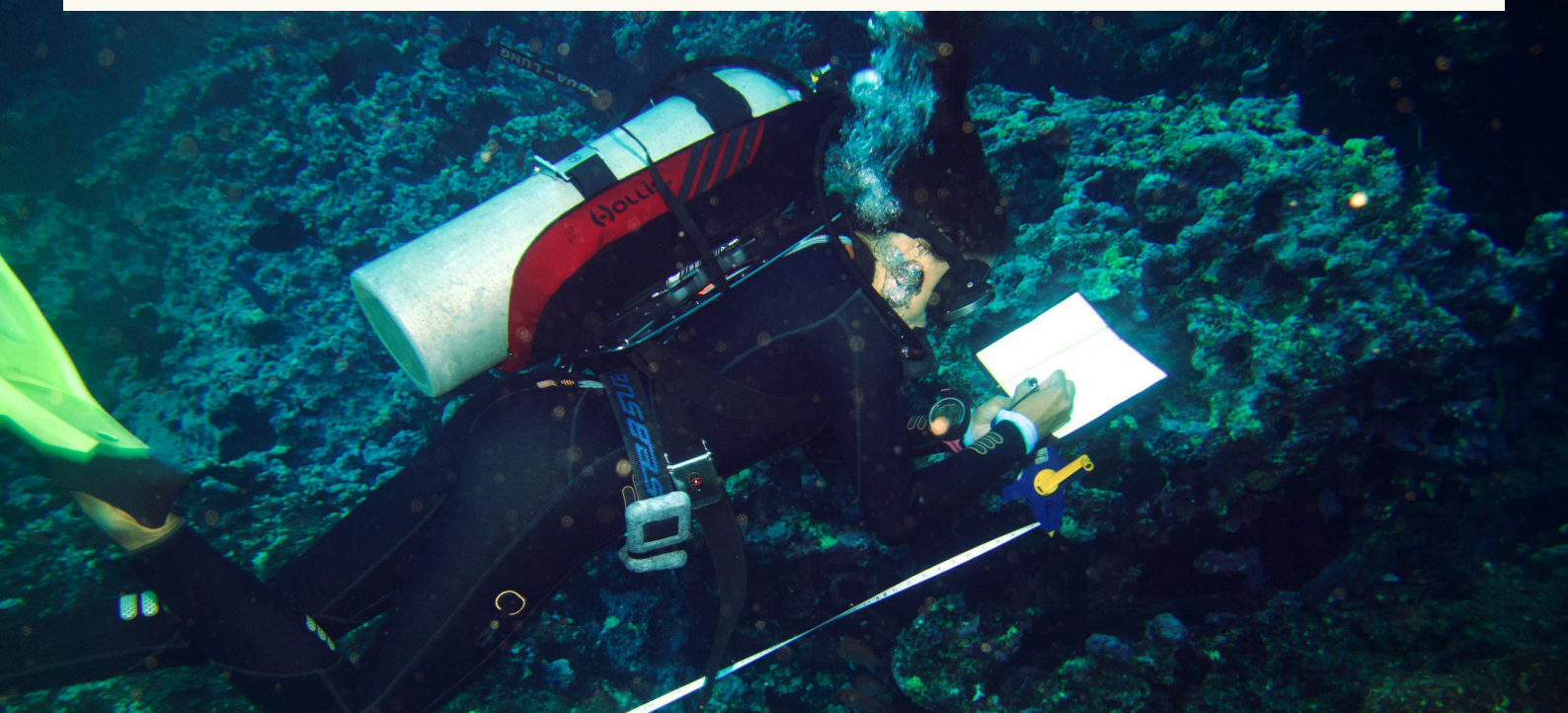
lução e Sistemática de Anthozoa, do professor Marcelo Kitahara (Cebimar/USP)”, informa.

Toda a experiência serviu para reafirmar a paixão pela pesquisa. “Definitivamente, estou no caminho certo. A biologia marinha me escolheu e todos os dias eu sigo escolhendo-a. Sou muito grata por tudo o que tenho aprendido com essa expedição”, comemora.

Para a oceanógrafa (UFES), mestre (UESC) e pesquisadora/bolsista CNPq do Centro TAMAR/ICMBio Lorena Nascimento, foi marcante para todos na expedição avistar a Ilha de Trindade depois de 5 dias de navegação. “Uma beleza cênica única, dessas bem rústicas e inimaginável, o tom de azul do mar é algo que acho que nunca vou esquecer na vida, de escuro e ao mesmo tempo transparente”, relembra.

Lorena prestou apoio nas operações com ROV e no registro audiovisual do dia-a-dia da expedição, para produção de um documentário. Levantamentos inéditos de biodiversidade e morfologia marinha foram conduzidos ali, por meio de mergulhos científicos utilizando os equipamentos BRUV, ROV e DropCam para registrar o ambiente, espécies de peixes, corais e outros organismos em áreas remotas, a mais de 1.200 km da costa do Espírito Santo e em profundidades de até 160m.

Pesquisadora Julia registrando a biodiversidade de peixes utilizando a metodologia de Censo Visual Subaquático.





Lorena e Joca Thomé (coordenador do Centro TAMAR/ICMBio) embarcados na Expedição às Ilhas de Martin Vaz e Monte Colúmbia.

“E para além do trabalho, foi um sonho mergulhar em águas de tons azul-escuros e transparentes, ver o sol nascendo e se pondo, inúmeras estrelas cadentes, dormir e acordar na companhia de aves marinhas, além de avistar orcas navegando perto do barco, em nosso retorno. Foram dias incríveis com pessoas que até então não conhecia e que se tornaram grandes amigos”, celebra ela.

A percepção de Lorena, como pesquisadora, é do quanto ainda há a ser descoberto e descrito nesses ambientes, que funcionam como verdadeiros laboratórios naturais de evolução e adaptação. “A bordo, apoiei diretamente nas operações com o ROV, desde o preparo e lançamento do equipamento na água até o manejo do cabo, recolhimento e verificação da sua funcionalidade. Além da parte técnica, acompanhei a captação de imagens em tempo real, vibrando a cada nova descoberta registrada pelas câmeras”.

Segundo a pesquisadora, o processo de capturar indivíduos com o ROV é uma novidade, uma adaptação feita pelo próprio pesquisador Dr. João Batista (piloto do ROV) e sua equipe. “Houve aquela tensão compartilhada entre todos da equipe que acompanhavam a transmissão das imagens ao vivo, o que foi recompensado quando o uso do sedativo numa espécie de peixe deu certo e foi possível capturá-lo para, enfim, a comemoração generalizada de todos ali. Um momento incrível da possível descoberta de uma nova espécie!” lembra Lorena.

Lorena contextualiza que o processo para confirmar e reconhecer a descoberta de uma nova es-

pécie é bastante rigoroso, pois envolve a coleta de material biológico, a análise morfológica detalhada e comparações genéticas com espécies já descritas. Apenas após a revisão por especialistas e a publicação em revista científica é que um organismo pode ser oficialmente considerado uma nova espécie.

As filmagens foram uma responsabilidade extra, que lhe exigiu atenção plena. “Com a responsabilidade de cinegrafista da expedição, precisei desenvolver um olhar mais sensível e técnico para captar a beleza em diferentes ângulos, registrar momentos marcantes e pensar na melhor composição. Foi um desafio novo e enriquecedor que me fez sair do papel de mera expectadora. Me senti realizada por ter registrado tantos momentos únicos e importantes, que em breve ganharão vida em um documentário pela Tabuiaíá Films (que já estou ansiosa para ver), levando à sociedade a grandiosidade e a importância desses ambientes marinhos”.



Pesquisadoras em pausa para descanso, embarcadas.



Érica Araújo veterinária e jornalista científica em mergulho com cilindro em Martin Vaz e Monte Colúmbia.

O que ficou foi a certeza da importância de proteger esses ambientes únicos e ainda pouco conhecidos. A expedição mostrou o quanto os ecossistemas oceânicos abrigam uma biodiversidade extraordinária e o quanto são frágeis frente às pressões humanas. “Cada dado coletado pode contribuir para a conservação futura dessas áreas, e como oceanógrafa, estou realmente realizada pela minha profissão e por ter participado disso tudo”.

A pesquisadora vivenciou, na prática, a importância da equidade de gênero na ciência. “Estar a bordo junto com outras três pesquisadoras, todas extremamente competentes e dedicadas, foi inspirador e me trouxe um sentimento de orgulho e pertencimento. Sentir que fazemos parte de um grupo que mostra, pelo exemplo, que a ciência é mais rica quando mulheres também ocupam esses espaços”.

Para Érica Assunção Araújo, médica veterinária e jornalista científica pelo Cebimar/USP, estar na expedição a fez retornar a pessoas que para ela são referência, como a analista ambiental recentemente aposentada pelo Centro TAMAR/ICMBio e médica veterinária, Cecília Baptistotte. “Estar nessa expedição a convite, como jornalista científica, e com profissionais que admiro foi mais do que uma grande satisfação — foi uma celebração de resistência e união”.

Os desafios, segundo Érica, do balanço do mar,

com ondas de 3 a 4 metros mudou o semblante da maioria embarcada. “O corpo e a mente precisavam se adaptar ao mundo que não parava de balançar. Foi quando comecei a auxiliar quem estava passando mal ou precisava de cuidados. Mas nada se compara ao momento em que avistamos as ilhas de Martin Vaz: o enjoo desapareceu, e a emoção tomou conta. Todos vibraram ao ver aquele oásis no meio do oceano”.

Nesse espírito de equipe, ninguém fez nada sozinho, a exemplo do mergulho de Érica, com cilindro, acompanhada do Zá – Dilson Silvestre. “Mal começamos a descida e, de repente, dei de cara com um tubarão! Depois, uma explosão de peixes: purfa, budião, barracuda, moréia e um monte de outros que passavam sem medo nenhum — o privilégio de estar em uma área totalmente protegida”, celebra.

Após a descida em torno de 18 metros de profundidade, rodeados de diferentes espécies, cores e formas, Érica lembra que percebeu o milagre da vida. “As cores sinalizavam que ali os corais estavam vivos, as esponjas vibrantes, as algas calcáreas intactas, tudo saudável e em perfeita harmonia, longe da interferência humana”.

“Em um tempo de tantas perdas na biodiversidade, encontrar algo totalmente novo foi uma explosão de alegria para todos (sobre a espécie encontrada pelos pesquisadores), todo mundo

comemorando como se fosse a descoberta de um tesouro, o que de fato é”, relembra Erica encantada com as aves marinhas, como a noivinha de Martin Vaz e o petréu de Trindade.

Érica esteve – como jornalista científica – a frente dos registros da expedição, elaboração de vídeos para redes sociais das instituições envolvidas, assim como de atividades científicas e cuidados com o dia a dia embarcada. “A maior dificuldade foi mesmo o mar agitado: na ida, ondas fortes pela proa; na volta, batendo na lateral do barco, fazendo tudo sacudir. Mas no final, conseguimos cumprir as metas e ir além do planejado.”

Para a jornalista, levar a ciência até o público foi um dos maiores desafios e também um dos maiores méritos dessa missão e ela divulgou amplamente a expedição em diferentes veículos de comunicação e mídias nacionais, com repercussões até hoje.

Foi fantástico captar imagens de alto nível por meio dos equipamentos remotos e mergulhadores experientes. Mostrar cenas que normalmente não vemos — corais, rodolitos, plantas marinhas — é como revelar um tesouro invisível, evidenciando o quanto tudo isso é essencial para a vida no planeta. E o impacto se refletiu nas redes sociais: as postagens do Centro TAMAR/ICMBio e Natureza do Mar tiveram engajamento incrível, e a expedição ganhou destaque em grandes veículos, como a TV Band.

O trabalho de sensibilização mostrou o quanto é transformador levar a ciência do fundo do mar para o público.” Daí a urgência de ampliar as áreas de proteção dessa cordilheira submarina, que vai de Vitória até Martin Vaz. As descobertas poderão embasar novas políticas de conservação. E percebo o quanto a presença das mulheres fez diferença nessa expedição. “A presença feminina trouxe um outro tipo de força. Além de liderar diversas atividades a bordo, teve o toque especial de sensibilidade, cuidado, organização e esse equilíbrio foi essencial para encarar os desafios do alto-mar — que nem sempre são só físicos, mas também muitas vezes mentais”.

Para Priscila Demier, estudante de oceanografia

da UFES, que trabalhou junto com a pesquisadora Julia, foi a primeira experiência em uma expedição desse porte. Com uma vivência de campo restrita à zona costeira, e dois anos de prática com o BRUV, Priscila comenta que também se preparou previamente aos 17 dias ao mar. “Antes da expedição, participei da calibração das câmeras, da separação de materiais e embarque de equipamentos. Além disso, lembro bem da sensação quando vi a lista da equipe, com nomes de pesquisadores renomados e pensei: Como vim parar nesse lugar?” A resposta veio de pronto: para aprender a fazer ciência na prática.

“Tudo ocorreu melhor do que esperávamos. Tivemos sucesso em todos os lançamentos de BRUV, ROV e mergulhos. E não quero parar aqui. Esses dias no mar me fizeram ter certeza de que lá é o meu lugar, estudar e desbravá-lo é o que me faz sentir verdadeiramente viva”.



Priscila ligando a câmera, parte do BRUV, para o registro da biodiversidade marinha.

Priscila participou de tarefas com o BRUV (preparação, montagem das iscas e câmeras, lançamento e organização dos dados), além do suporte na separação e organização dos tecidos de organismos coletados, captação de imagens, organização de cabos, arrumação de equipamentos e desmobilização, ao chegar em terra firme.

Entre os momentos marcantes, Priscila cita a aproximação da ilha da Trindade ao pôr do sol, o primeiro lançamento de BRUV que abriu as amos-tragens da expedição, o sucesso na adaptação feita no ROV para anestesiá-los e coletar peixes e a possibilidade de descoberta de uma nova espécie.

Nas filmagens do ROV, viu grandes bancos de rodolitos que segundo ela pareciam ter sido montados por uma obra de engenharia, servindo de moradia e abrigo para diferentes espécies de peixes. “Me tocou profundamente imaginar quanto tempo foi necessário para que fossem formados e perceber que muitas pessoas nem imaginam a riqueza que existe neles”.

“A bordo, me marcou muito a garra e vontade de todos em fazer acontecer, mas principalmente da Julia. Como eu era a dupla nela no BRUV acabei ficando próxima para dar apoio nas atividades que ela fazia - que no caso foram todas que fizemos na expedição porque até durante as amostragens de ROV ela estava lá para ajudar a identificar as espécies. A mulher não parou nem no pós-expedição, já que ficou à frente de grande parte das amostras que foram coletadas. Uma grande inspiração para mim.”

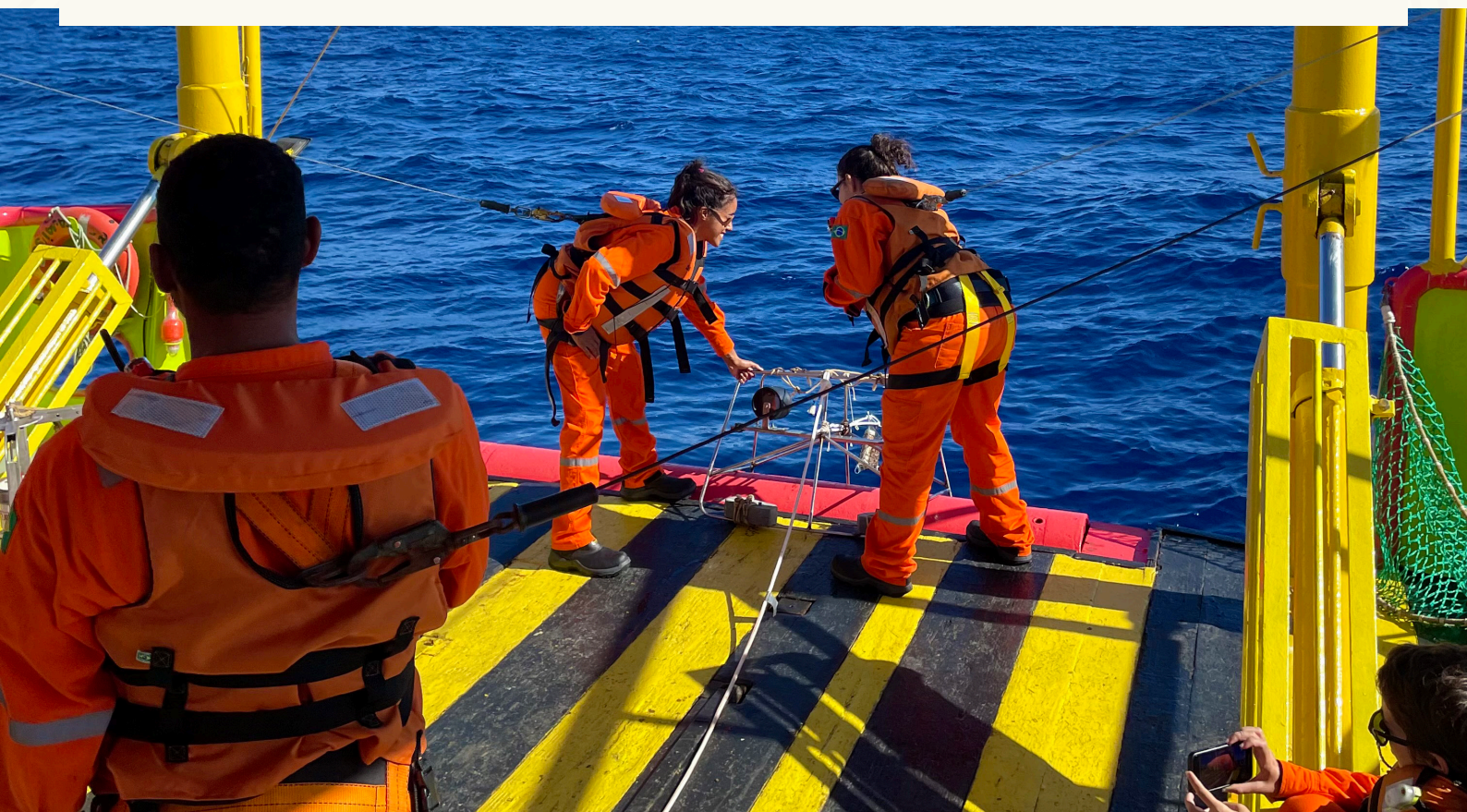
A estudante de oceanografia disse que pôde observar, na prática, coisas que aprendeu em sala de aula, como a influência da pressão de pesca sobre o tamanho dos peixes, por exemplo. “Em Martin Vaz encontramos peixes enormes, enquanto próximos à costa costumamos ver indivíduos menores. É essencial manter e se estudar zonas de

no-take para ver a funcionalidade do ecossistema”.

Para ela foi uma honra ver o pesquisador Gasparini no pós descoberta da espécie, e todo o cuidado que se deve ter desde posicionar o organismo da forma ideal para observar as características necessárias em uma chave de identificação e conseguir a foto de registro tecnicamente ideal. “Mais do que a experiência científica, esta expedição foi um aprendizado de vida. A ciência é feita de colaboração, troca e paixão pelo que se faz. O oceano e a natureza nos ensinam sobre fluidez, contorno dos obstáculos, e recolher o ego. O oceano nos ajuda a controlar a ansiedade e faz nossos problemas parecerem menores”.

Daí a necessidade de continuar estudando esses ambientes, e transmitindo esse conhecimento à sociedade, mostrando a importância e a grandiosidade de um ambiente preservado, explica ela. “Ele é essencial para nós, mesmo que pareça distante. Torna-se fundamental não apenas mostrar a exuberância desses lugares, mas também a sua funcionalidade, de forma que a população compreenda e se conecte com a causa da preservação e conservação, entendendo que essa é uma responsabilidade compartilhada, e vital para a manutenção da nossa sobrevivência”.

Pesquisadoras Júlia e Priscila durante lançamento de BRUV para filmagem subaquática que registrou a biodiversidade marinha em Martin Vaz e Monte Colúmbia.





Tartaruga - Verde (*Chelonia mydas*) no Parna Marinho de Fernando de Noronha-PE.
Crédito: Marcello Lourenço

RISCO DE EXTINÇÃO DAS TARTARUGAS MARINHAS NO BRASIL

AVALIAÇÃO DO RISCO DE EXTINÇÃO - 2022



Verde

(*Chelonia mydas*)

Classificação no Brasil:

Quase Ameaçada **NT**



De pente

(*Eretmochelys imbricata*)

Classificação no Brasil:

Em Perigo **EN**



De Couro ou Gigante

(*Dermochelys coriacea*)

Classificação no Brasil:

Criticamente em Perigo **CR**



Cabeçuda

(*Caretta caretta*)

Classificação no Brasil:

Vulnerável **VU**



Oliva

(*Lepidochelys olivacea*)

Classificação no Brasil:

Vulnerável **VU**

CATEGORIAS DE CLASSIFICAÇÃO SEGUNDO O RISCO DE EXTINÇÃO



Lista Oficial de Espécies da Fauna Brasileira Ameaçadas de Extinção, atualizada pela Portaria GM/MMA N° 300, de 13 de dezembro de 2022

↘ Equipe Técnica

João Carlos Alciati Thomé

Analista Ambiental e Coordenador

Gabriella Tiradentes Pizetta

Analista Ambiental e Coordenadora Substituta

Andreia Quandt Monteiro

Analista Ambiental

Cláudia Cristina Lima Marçal

Analista Ambiental

Claudio Bellini

Analista Ambiental

Erik Allan P. dos Santos

Analista Ambiental

Evandro Arruda de Martini

Técnico Ambiental

Kelly Bonach

Analista Ambiental

Marília das Graças Mesquita Repinaldo

Analista Ambiental

Marcello Lourenço

Analista Ambiental

Nilamon de Oliveira Leite Jr.

Analista Ambiental

Patrícia Dittmar Americano Costa

Técnico Ambiental

Roberto Sforza

Analista Ambiental

Sandra Márcia Xavier Tavares

Analista Ambiental

↘ Colaboradores

Danilo Afonso Nogueira Costa

Apoio Administrativo I

Laryssa Helena Ganen de Assis

Apoio Administrativo I

Mariana Rodrigues Santarita

Apoio Administrativo I

Marianna Schwartz de Mendonça

Apoio Administrativo II

Nayana Meireles Sampaio

Apoio Administrativo I

Patrícia de Fátima Silva

Apoio Administrativo II

Weriques Silva Pereira

Apoio Administrativo II

↘ Diagramação

Ellen Alves Sant'Ana

Designer Gráfico (Estagiária)

↘ Jornalista Responsável

Sandra Márcia Xavier Tavares

↘ Bolsistas e Estagiários

Glenda Katherine de Souza Dias

Bolsista GEF-Mar

Lorena Oliveira do Nascimento

Bolsista Mestrado

Nairana Santos Fraga

Bolsista Doutorado

Yasmin Nascente São José

Estagiária licenciamento

↘ Créditos

Redação

Sandra Márcia Xavier Tavares

Nana Brasil Falcão Nascimento

Marcello Lourenço

Fotografias

Acervo Centro TAMAR/ICMBio

João Batista Teixeira

Rubem Jayron dos Santos Sousa

Marcello Lourenço

Nilamon de Oliveira Leite Júnior

Nana Brasil Falcão Nascimento

Julia Marx de Souza

Lorena Oliveira do Nascimento

Priscila Berbet Demier

Érica Assunção Araújo



CENTRO
TAMAR
ICMBio-MMA

↘ Entre em contato com o Centro e suas Bases Avançadas

Sede Centro Tamar/ICMBio | Vitória, ES

 (71) 98174-8614

 centrotamar@icmbio.gov.br

Base Avançada | Fernando de Noronha, PE

 (71) 98173-3638

 claudio.bellini@icmbio.gov.br

Base Avançada | Aracaju, SE

 erik.santos@icmbio.gov.br

Base Avançada | Salvador, BA


 patricia.costa@icmbio.gov.br

Base Avançada | Caravelas, BA

 (71) 98174-0736

 marcello.lourenco@icmbio.gov.br

Base Avançada | São Mateus, ES

 (71) 98188-9409

 kelly.bonach@icmbio.gov.br

Base Avançada | Linhares, ES

 (71) 98172-5799

 andrea.quandt@icmbio.gov.br

Base Avançada Multifuncional Compartilhada - Florianópolis/SC
CNPT, CEPSUL, CEMAVE e TAMAR

 Chefia: cesar.horie@icmbio.gov.br



MINISTÉRIO DO
MEIO AMBIENTE E
MUDANÇA DO CLIMA

GOVERNO DO
BRASIL

DO LADO DO POVO BRASILEIRO